

## RESENHA

ALVES, RUBEM. **A ESCOLA COM QUE SEMPRE SONHEI SEM IMAGINAR QUE PUDESSE EXISTIR**. 12ED. CAMPINAS: PAPIRUS, 2022.

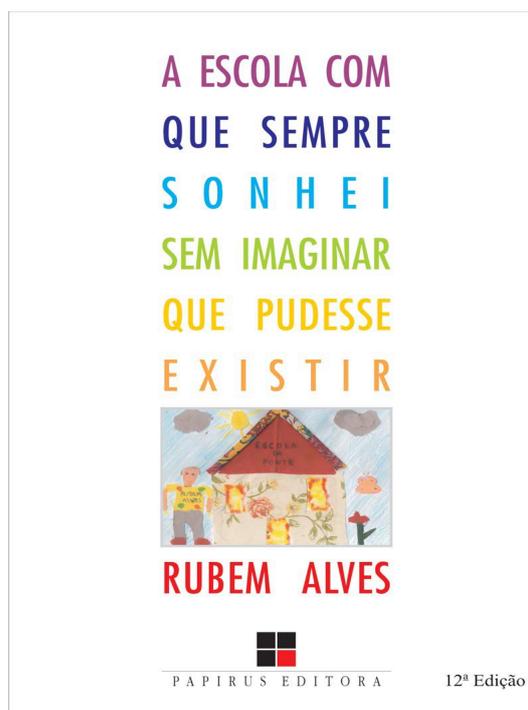
Breno Silva ANDRADE

Renilson Nóbrega GOMES

*Universidade Federal de Campina Grande*

O livro “A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”, publicado em 30 de abril de 2001, possui como objetivo apresentar a Escola da Ponte, em Portugal, por meio da descrição e poeticidade nas linhas escritas por Rubem Alves<sup>1</sup> e suas memórias, bem como por outros autores como Fernando Alves e Pedro Barbas Albuquerque que a visitaram e descrevem retratos de tal instituição de ensino, uma referência portuguesa em qualidade e inovação por ser um espaço de cooperação e jamais de competição. Ademais, para aprofundar ainda mais as descrições, o livro conta com entrevistas do diretor da referida escola José Pacheco e de uma

das suas professoras. Não é instigante, caro leitor, adquirir e ler tal livro, bem como se apropriar das sutilezas que tornam a Escola da Ponte em especial? Portanto, torne esta resenha uma ponte entre você e o texto, e conheça a escola sonhada e realizada que em muito encantou o escritor que a espalhou para os seus leitores e leitoras.



---

<sup>1</sup> Defensor de uma escola que faz o aluno pensar e um dos maiores teólogos do Brasil, Rubem Alves foi um psicanalista, educador, filósofo e pastor presbiteriano que conquistou o cargo de professor emérito na UNICAMP e seguiu na carreira de escritor assiduamente. Nasceu em 15 de setembro de 1933 em Minas Gerais e morreu em 19 de julho de 2014, com 90 anos, em São Paulo.

Em primeiro ponto, destacamos o prefácio redigido por Ademar Ferreira dos Santos que não só instiga o leitor a se debruçar nas páginas seguintes como cumpre seu papel em apresentar as primeiras considerações acerca da Escola da Ponte com maestria. É nele que encontramos os primeiros apontamentos sobre os olhares direcionados *para dentro da educação* e para a Escola da Ponte como democrática e autorregulada. Ou seja, os seus membros percorrem genuinamente um caminho para o saber coletivo orientados por regras necessárias para as suas próprias relações societárias. Faz-se valer, inclusive, a precisa analogia colocada por Ademar quando aponta as perspectivas para a escola como um *caleidoscópico* em que os nossos valores, habitualmente associados à organização, são subvertidos e se chocam com diferentes pontos de vista.

Seguidamente, Fernando Alves traz em sua crônica “O pássaro no ombro”, um olhar recheado de poeticidade e franqueza para a educação entendida por Rubem Alves, isto é, não restrita ao pragmatismo de uma formação tecnicista. Assim, convidamos o leitor a dedicar bons minutos para a análise dessa passagem que não só nos ensina sobre um aprendizado de libertação e prazer como nos aproxima, de forma didática, também com as perspectivas freirianas para a autonomia e liberdade do educando.

Em “Koan”, Rubem Alves traz uma interessante analogia feita com os mestres Zen do budismo ao tratar sobre a libertação da mente das amarras da linguagem. Isto é, libertar o pensamento de uma visão pragmática da realidade que cerca o sujeito, permitindo que ele pense além do próprio pensamento, não se limite. O próprio título da seção, *Koan*, revela tal intenção ao referenciar afirmações que os mestres faziam e eram inacessíveis para a razão.

Para tanto, Rubem conduz de maneira progressiva uma linha de raciocínio citando intelectuais que, como ele, instigavam uma visão não restrita ao pragmatismo da física ótica. Logo, Alberto Caeiro, Freud e Roland Barthes são mencionados junto as suas ideias e teorias referendando, assim, as argumentações do autor.

De forma clara e bem estruturada, ademais, Rubem Alves se posiciona sobre uma educação que não se propõe a “refinar a mesmice” e, sim, como na Escola da Ponte, provocar *um Koan, iluminação ou lapsus* que suscitasse um rompimento do discurso lógico. O saber, nessa perspectiva, seria uma oportunidade de “desaprendizagem” para que, longe de estruturas

prontas de pensamento, o sujeito pudesse refletir como uma criança vendo um mundo que nunca havia visto.

Ao chegar em “Quero uma escola retrógrada”, Rubem se projeta em seu texto a partir de uma aproximação direta e referenciada a Karl Marx e seus ideais de desarticulação das linhas de montagem. Nesse viés, o autor propõe outra analogia feita com a figura de uma criança que não passa de outro produto construído por fábricas denominadas “escolas” e que tem sua *assinatura* substituída por modelos feitos em massa por linhas de montagem. Trata-se de uma passagem notável para o leitor a partir de sua personalidade característica.

As quatro primeiras seções nomeadas “A escola da ponte”, escritas por Rubem Alves, dedicam-se a relatar ao leitor como foi o primeiro contato e primeiras impressões com uma “escola dos sonhos”. O autor, desse modo, desenvolve com extrema sensibilidade a descrição de cenas com os mais ricos detalhes interpretativos que não só passam a informação, mas conduzem o leitor à imaginação e recriação da própria cena em seus pensamentos. Assim, desde o primeiro contato com o diretor José Pacheco até o encantador presente dado pelo aluno Sérgio, a nossa atenção é presa aos detalhes e sentimentalismo de considerações dotadas de sinceridade e franqueza.

A quinta seção de “A Escola da Ponte”, todavia, apresenta uma crônica em que Rubem Alves conclui sua argumentação com um tom particular de pessoalismo, ao apropriar-se de indagações e retornar ao uso de analogias — como a feita com a arca de Noé — questionando a realidade vigente do ensino. Isto é, ele questiona o *status* do professor universitário frente à diminuição moral dos professores primários e usa da sua própria experiência como exemplo ao constatar a expiração do ânimo do início das aulas que é substituído pela monotonia da rotina sem sentido. Em contraponto, o autor cita novamente Roland Barthes e seu ideal de sala de aula como a “criação de um espaço”. Convidamos, assim, o leitor a se inteirar e degustar de tamanha consideração poética para o aprendizado.

Na seção “O essencial não cabe nas palavras”, temos contato com a poética e emocionada descrição e agradecimento de uma professora entrevistada da Escola da Ponte. Nesse momento, um relato íntimo pode ser percebido quando não apenas uma professora é projetada nas próprias linhas, mas também uma mãe que matriculou seus filhos na escola.

Inclusive, tal passagem confirma uma das perguntas feitas por Rubem Alves na crônica “Escola da Ponte (5)” que tratava justamente desse ato de matricular ou não os filhos ao ter contato com a realidade da referida instituição.

No momento seguinte, Pedro Barbas Albuquerque consegue nos surpreender. Em sua seção “A Escola da Ponte: Bem me quer, mal me quer...” o que lemos, assume o formato único de um diário. Um diário que, segundo o autor, recebia influências dos textos de Rubem Alves, suas memórias de contato com a Escola da Ponte, mas também as memórias dos próprios alunos que não se restringiam a participar e construir cooperadamente um diário — uma cooperação já conhecida por eles.

Expondo dois dos 28 dias letivos de fevereiro descritos por Pedro Barbas, destacamos o dia primeiro e o dia seis. Nesse, temos a condição de salas cheias de alunos como um fator positivo, não apenas pela oportunidade educativa, mas pela oportunidade colaborativa e societária em que uma sensibilizada analogia é feita sobre as mães que não podem dar atenção a todos os filhos. Todavia, nesse viés, a formação de grupos interativos e criados na Escola da Ponte pela afinidade instiga não só o aprendizado, mas também a noção de cidadania. Já o primeiro dia, adicionalmente, corresponde à ideia sobre a Escola que passa a localizar-se como um local de direitos e deveres. Assim, os alunos têm o direito de exigir as condições de afeto e materiais para aprenderem enquanto têm o dever de “poupar o que faz falta”. Na nossa opinião, trata-se de um dos mais reflexivos textos que o leitor não pode deixar de conhecer.

Na seção “Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal”, temos um texto revisto que contém uma entrevista do diretor da Escola da Ponte José Pacheco sob a condução de Vitor Casimiro. Nela, detalhes importantes da construção desse projeto são expostos de modo a conhecermos os momentos cuja realidade se distanciava dos elogios atribuídos. José Pacheco aponta para o longo processo de adaptação e mudanças feitas em uma escola sem boas estruturas físicas e repleta de alunos incompreendidos e em vulnerabilidade social.

Salientamos, além disso, o momento de expressiva franqueza do diretor ao ser questionado sobre a perda de interesse de alunos em uma escola que valoriza a autonomia do educando. Assim, sensível e objetivamente, Pacheco diz que, se tal desinteresse ocorrer, a escola está adoecendo junto ao estudante que a busca pelo tratamento, além do trabalho cooperativo

que realizada para se conhecer e remediar o problema. Trata-se de um texto essencial feito para esclarecer e motivar a mudança possível na educação aos olhos do leitor.

O último texto do livro, então, traz um precioso excerto do programa de estágio direcionado para os professores da educação básica promovido pelo Centro de Formação Camilo Castelo Branco. Longe do que imagináramos ser uma passagem mais burocrática, a referida parte aborda as razões para tal estágio na Escola da Ponte que pretende romper com o mito da *monodocência* e do ensino tradicional. Além disso, são reiterados os fatores de autonomia, cooperação e noção societária que fizeram dessa escola uma referência de qualidade no sistema educativo português. Os professores que participaram, logo, além de uma qualitativa experiência de formação, presenciaram um projeto de ensino que tem a chance de ser difundido como exemplo na gestão de escolas.

Em conclusão, o livro “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir” se trata de uma das belíssimas obras escritas e inspiradas na educação, sendo a poeticidade e sensibilidade de Rubem Alves e dos demais autores uma característica que segura e surpreende o leitor atento a cada texto que o compõe. Logo, mesmo tratando sobre escola e educação, nossa recomendação de leitura não se restringe aos profissionais de tal área e, sim, para todo aquele que deseja ver e perceber as possibilidades da educação distante das amarras do tradicionalismo.

**Breno Silva ANDRADE**

Graduando do terceiro período do curso de Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Possui interesse nas áreas de Linguística e Ensino, desenvolvendo pesquisas e participando de eventos acadêmicos nas referidas áreas.

**Renilson Nóbrega GOMES**

É licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2001) e pós-graduado (lato sensu) em Linguística e Literatura (2003) e Formação do Educador (2005); ambas cursadas na instituição acadêmica citada. É também Mestre em Letras (2019) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos-RN. É Doutorando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Leciona a disciplina de Língua Portuguesa em turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

*Recebido em 16/setembro/2022 - Aceito em 14/dezembro/2022.*